



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

23 DE NOVEMBRO DE 1963
ANO XX — N.º 514 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

PARTIRAM → OS NOSSOS MISSIONÁRIOS

IDE COM DEUS, BOA VIAGEM — dissemos-lhes nos últimos acenos de braços e lenços, quando os olhos já não distinguiam as pessoas no «Rita Maria» que se fazia ao mar.

Partiram os nossos missionários, rumo a Angola, na tarde de Fiéis Defuntos, com a bênção de Todos os Santos. A tarde daquele dia estava agreste, com clareiras de sol à mistura com fustigadas de vento carregado de chuva, a não convidar ninguém à aventura do tempo. No cais marítimo de Lisboa apareceram os nossos familiares mais íntimos.

A despedida foi alegre. Um mundo de abraços novos e esperançosos de todos os que partiram. Pareceu-nos mais saudades nos que ficavam. É e foi sempre assim quando se vai por um ideal. Os nossos partiram com ideal. São missionários da Obra da Rua que vão plantar em Angola rebentos da mesma Obra. Rebentos que, na nossa esperança, hão-de crescer, estender raízes e abrigar à sua sombra irmãos nossos que andam perdidos.

«Resta-nos — diz um rapaz nosso, impedido pelo serviço militar de estar presente em Lisboa no dia 2 — que em boa hora todos partam e que, uma vez

chegados às nossas terras angolanas, a Sua Vontade, em tudo seja cumprida, para que Ele seja conhecido e adorado como Rei de todo o orbe, para que Portugal não defina no emaranhado das doutrinas materialistas que o tentam avassalar; para glória da Igreja e da Obra da Rua e para bem das almas dos Gaiatos Missionários que longe da Metrópole vão continuar a Obra na sua nova faceta de autêntica missão».

Cont. na SEGUNDA página



DA 2 de Novembro. Dia dos Santos, que aguardam em certeza perfeita a morada eterna. Por toda a parte veste-se o negro a nivelar, talvez ofensivamente, a memória dos que partiram, quantos deles em glória!

Entre nós é o dia escolhido para abertura do pavilhão destinado a paralizados. Não fora ele um lugar bem sensivelmente igual ao dos que a Igreja venera neste dia! Eu sei, pela certa, que muitos enfermos não vão precisar de expiação. As penas, em longos anos suportadas num leito, são bem de purgatório! E porque a comunhão dos Santos une os que são, quis eu que estes doentes se unissem bem aos Santos do Purgatório. Que se celebrasse festivamente esta união. É tudo singelo. Levados um a um, em carros e ao colo, os doentes encontraram ambiente novo, salas mais amplas e arejadas, viradas ao altar onde é a missa do dia. Ninguém vem ofender os enfermos com a sua presença, a uma inauguração. Eles não são vítimas da satisfação humana de quem contribuiu para o edifício. Não senhor. Apenas eles a gozar o bem. Eu pessoalmente não aprecio inaugurações. Muito menos, quando as realidades já o deviam ter sido há muito. Ignoro porque não haja vergonha de se chegar tarde. Basta de ofender o próximo, mórmente tratando-se de inocentes! Há quanto não mereciam estes doentes a casa que hoje possuem! Não temos mérito nenhum em lha ofertar. Dever sim. Fazemos justiça.

E só eles gozaram o prazer da estreia!

CONTINUA NA PÁGINA TRÊS



A ceifa!

Setúbal

ACABAMOS, há dias, a colheita do arroz. É uma tarefa pesada e longa! Este ano, foi tudo feito por eles! Para quem não está dentro destas fainas agrícolas eu vou enumerar progressivamente as diversas operações de que consta. O arroz ceifa-se e deixa-se estendido na terra a apanhar sol. Depois é atado em pequenos molhos e carregado para a eira. Ali é debulhado pela nossa máquina accionada pelo nosso tractor que ao mesmo tempo o limpa separando a palha dos grãos.

A palha é removida e guardada em grandes medas e o arroz limpo, ensacado e despachado para a fábrica compradora.

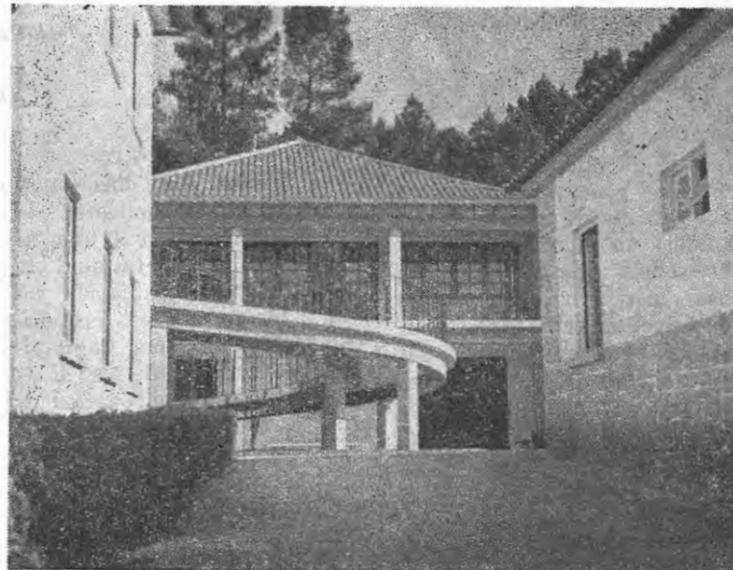
Este ano fizemos tudo em três semanas!... Foram dias de grande azáfama. Fecharam as oficinas, as obras pararam e os estudantes antes de começar as aulas deram a sua valiosa colaboração. Tudo por eles! Se tivéssemos de pagar ao pessoal de fora, não o fariamos por vinte contos! Passam de sessenta toneladas de arroz!... A valorização do trabalho deles posta ao serviço da economia nacional!

Parece contradição: — Nós que somos família para 120 rapazes, que a não tinham, e que poderíamos gastar ao Estado umas boas centenas de contos por ano, quase lhe não pesamos e mais ainda, do rendimento do nosso trabalho pomos à sua disposição sessenta toneladas de arroz!...

A cultura deste cereal, nas condições em que estamos, dá prejuízo. Eu ouço os lavradores a queixarem-se. Mesmo rentinho a nós ficaram 140 hectares por cultivar! Terreno poisio, quase inútil, durante anos!...

O nosso arroz também nos prejudicou, mas o trabalho deles veio compensar.

Nós estamos enquadrados
Cont. na SEGUNDA página



Eis a beleza e simplicidade do novo pavilhão destinado a paralizados.

SETUBAL

Cont. da PRIMEIRA página

numa zona de características rurais em que o pequeno e o grande lavrador e o simples trabalhador do campo se encontram diante do mesmo problema: — A agricultura não rende. Assim aqueles grandes lavradores, e quantos outros, deixaram de cultivar suas terras de arroz.

Há dois anos passámos uns dias maus. Os braços dos rapazes, mais a sua alegria por colaborarem naquilo que é deles foi o único sustentáculo a que me agarrei. O trabalhador



A debulha do arroz

rural tem as suas justas exigências e o seu problema não se pode resolver com paliativos. Há que encará-lo de frente, com uma visão nada fácil de nascer num gabinete. Eu sinto-me tantas vezes esmagado por este problema. Reconheço que dentro das minhas pos-

sibilidades sou obrigado a colaborar para a sua solução. Algo, de muito pouco, tenho feito, mas estou decidido a tudo fazer para que não nos falte o arrozinho na mesa e o pão ao sacrificado trabalhador rural.

Padre Acílio

Filhos de pai incógnito

Nota da Redacção

Juntamente com o artigo veio esta expressiva carta:

«No dia do Baptizado do meu rapaz, vai «Filhos de pai incógnito». Ajeita e manda. A alegria mai-lador juntas; vê lá tu!

Abraça-te o teu Ernesto».

NUNCA a UNIÃO amorosa foi tão sublime como nesta hora. O pai que vê pela primeira vez o filho recém-nascido! Ele olha a Esposa, olha e torna a olhar o filho, a carne da sua carne, e agradece a Deus. E a alegria jorra dos nossos corações, como se outra coisa não tivéramos tido senão a Graça. Eu não sei se em todos os corações há um sentimento semelhante. Eu vou pelo sim, e cada um de nós olha para si e diz e responde em consciência: Onde está o carácter, a hombridade, a virilidade dos que constroem ou consentem que haja filhos «sem pai»? Oh que vazio o coração da mulher que dá à luz! Depois do parto, ela pensa como há-de sustentar mais um. Vê-se só, o pai «não existe»! E o recurso vem com nova falta da mulher que caiu uma vez.

E ainda há para aí gente que defende o divórcio e que detesta o MATRIMÓNIO: Facilidades para o prazer do instinto.

Que contraste!

Eu queria dizer-te mais do que vi naquela hora. Nunca tu saborearás tanto enlevo, se a visão do teu coração penetrar unicamente no instinto.

Se és pai para os filhos que tens em casa e abandonaste em esquecimento o filho da mulher que pecou contigo, calças aos pés inconscientemente, tanto os filhos do casamento, como os da «repudiada».

Olha: ainda que aqueles tenham o direito civil, estes, como eles, estão no direito moral e consciente. Eis o chamado direito moral. Eis a LEI que os magistrados da lei têm que saborear, para no-la fazerem compreender.

Tu não podes avaliar o crime tremendo que cometemos, consentindo neste suicídio de consciências. Sim, porque não é propriamente o acto do delito que mais nos assusta, e corrompe as consciências. É a facilidade que se dá aos chamados «fracos», e o consentimento da autoridade ao subordinado. «Cumprir, para fazer cumprir»: eis o lema que é matéria de meditação e reparação. Aqui a raiz do alicerce que há-de segurar a família, a consciência e o carácter dos que, «fracos», fogem ao dever moral e social.

Tanto julgamento desnecessário! Tantas quedas evitáveis, se ali estivesse a barreira da não facilidade! Não falo como misantropo. É a própria experiência que lê. É a alegria de saborear a paternidade; a LEI. E a tristeza de sentir o «nó», por tantos e tantos não possuírem essa alegria!

ERNESTO PINTO

Visado pela Comissão de Censura

instituições particulares resolvam dificuldades da competência de instituições oficiais.

Saí do tribunal com a convicção de que tratava com homens sérios. Voltei a casa e chamei ao escritório aquele nosso que é irmão do pequenito. Ele tem desanove anos. Perguntei-lhe que fazer. Vamos buscá-lo. Fomos. Subimos e descemos parte da serra. A Opel passou por ruas apertadas e caminhos de bois. Encontrámos a aldeia e o Joãozinho descalço, mal vestido, a brincar na lama com boroa na mão. Juntou-se a aldeia em peso. Muitas crianças a pé e ao colo. É a maior esmola do mundo, ouvimos àquela gente que nos pareceu boa.

Era já quase noite. No caminho aquele nosso rapaz que ouvira tanta coisa comenta com tristeza: depois os filhos é que pagam. Quando chegámos a casa o Joãozinho foi recebido pelo carinho de todos.

P.e Horácio

TRIBUNA de Coimbra

Naquele domingo à tarde todos os nossos brincavam, cada um a seu modo. Os mais velhos tinham saído a dar uma voltita e a ver o movimento do seu tempo. Um grupo de médios jogava a bola no campo. Outros corriam as ruas com seus arcos e ganchetas. Também os havia sentados junto ao rádio. Os mais pequenitos entretinham-se nos azulejos. E eu estava a fazer não sei o quê quando o nosso chefe me veio dizer que estavam umas pessoas por causa dum pequenito. Fui à varanda e ouvi uma história longa, das mais longas e tristes que jamais ouvira.

A mãe do pequenito de cinco anos que estava ali descalço e mal vestido havia sido presa mais uma vez. O menino ficava sozinho, entrava e saía por um buraco da porta das ruínas de casa onde dormia.

De dia e até altas horas andava pelas ruas, recebia bocados de boroa e a ninguém dava a mão. Aquelas pessoas vinham para o deixar em nossa casa e queixar-se do sr. dr. Juiz que não queria o menino junto da mãe. Antes, haviam passado pela cadeia e ateimado com o carcereiro para que o menino ficasse como nas outras vezes.

Eu ouvi, ouvi, ouvi. Pedilhes que levassem o menino e prometi ir no dia seguinte ao tribunal. Fui. Ouvi de quem sabe a história cada vez mais triste daquela mulher que já conheço há treze anos. Tem cinco filhos cada um por seu lado desde pequeninos e só o sexto na sua companhia. O mais velho está connosco desde os três anos.

Mulher de álcool, de língua e de desvergonha, com processos e cadeia muitas vezes. Quando da saída da cadeia os homens procuram-na como uma matilha de cães — disseram-me no tribunal. Ali já não sabem que lhe fazer. A nossa justiça não tem campo que solucione estas vidas. E os homens bons que querem ser justos e humanos têm de cruzar os braços à espera que

Partiram os nossos Missionários

Cont. da PRIMEIRA página

Partiram no «Rita Maria», pequenino e familiar. Pequenino e familiar como é a Obra e a nossa missão social. Tivemos a tentação de chamar ao «Rita Maria» tentador e desafiador do oceano imenso que de momento o pode tragar. Foram assim as vidas dos Grandes Portugueses. Foram assim as primeiras caravelas. Foram assim todos os nossos santos missionários. São assim todos os que partem com ideal de nobreza. Não-de ser assim todos os que vão por Deus e pela Pátria. IDE COM DEUS, BOA VIAGEM.

P.e Horácio

AUTO - CONSTRUÇÃO



Por P.e FONSECA

já ando a 2 meses para arranjar quarto e não consigo por causa de ter 2 filhos

Recebemos, há dias, uma carta de um trabalhador de Lisboa, com palavras que os leitores podem ver tal qual ele as escreveu. Já sabíamos, há muito tempo, que nas grandes cidades o problema da habitação se torna cada vez mais difícil. As casas sucederam os quartos e estes não serão alugados a quem tenha filhos. Há que protestar teórica, mas sobretudo praticamente contra tal estado de coisas que, por ser vulgar, parece já não sacudir a consciência dos particulares e das entidades offi-

ciais. Estamos num tempo em que as coisas mais escandalosas, na medida em que se multiplicam, deixam de impressionar e revoltar. São factos habituais e nós vamos acomodando, na desculpa de que é impossível evitar tudo isto. Como se, pelo facto de não podermos fazer tudo, fiquemos desobrigados de fazer alguma coisa. Diga-se o que se disser, o problema da habitação tem de ser encarado com mais energia, com mais coragem e com um sentido maior de responsabilidade.

Toda a família precisa de uma casa decente. Se toda a família tem direito a ter filhos também lhe assiste o direito de ter um lugar onde eles vivam. Terá de ser maldita uma sociedade que, na prática, nega o sacratíssimo direito de nascer. Faça-se uma estatística: Quantos discursos sobre a família neste últimos 50 anos? E quantas famílias como a deste operário que nos



«O Gaiato»

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



Levados um a um, em carros e ao colo, os doentes encontraram ambiente novo. Há quanto não mereciam a casa que hoje possuem!

Cont. da PRIMEIRA página

Os Pobres comem o pão adquirido dia a dia. Nós, a quem o Senhor deseja em pobreza, vamos recebendo d'Ele o pão que dia a dia nos vai chegando pelas mãos de muita gente, que nem dá fé do que realiza.

Esta é enfermeira, e vem com uma carta, acompanhada de mil escudos: — «Tenho sido muito forreta. Por isso, antes de começar a receber o meu ordenado regularmente, resolvi pôr sempre de parte 10% para a Igreja e Pobres. E é tão fácil fazer isto: uma pequena resolução que se torna num hábito, que dá prazer. Com o tempo, sobeja-me tanto desse «que me não pertence» e acho que não pode ficar parado. Por isso, envio-lho pensando principalmente no Calvário, já que por esses doentes não posso cuidar profissionalmente. Uma enfermeira». A docilidade à voz de Deus transforma-nos.

Estouta é uma mãe, com 50\$ no dia do baptizado do seu primeiro filho. Mais um senhor com mil escudos «para me desobrigar de faltas passadas». Talvez não saiba que esta doutrina se bebe na Escritura. Acertou. O transcendente está tão à

escreveu esta carta? E, ao mesmo tempo, assistimos a procissões, fazemos promessas, usamos medalhinhas, brindamos pela defesa da Civilização Cristã e chamamos comunistas a todos aqueles que não se calam prudentemente com estes factos. Sabemos bem que, em qualquer civilização ou país do mundo, houve e haverá sempre casos miseráveis. Mas a miséria deverá ser excepção e não regra. Os países cristãos têm responsabilidades especiais na hora que passa e a crença que deixa o homem indiferente, parado perante estes grandes problemas humanos, é uma crença que já está morta. Fé e Caridade em exercício, terão de caminhar sempre juntamente. Ninguém poderá pensar melhor e correr mais do que nós os cristãos que acreditamos em Deus Pai e em Cristo Irmão. Não podemos esquecer que os outros — os que não pertencem à chamada civilização ocidental — são muito mais em número. Sendo muito mais virão a ter mais força. A nós só nos resta termos mais Bondade que se transforme prática e continuamente em Acção Cristã.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).



nossa beira, e quantas vezes não o deixamos escapar!

E vem aqui uma bicha de gente. B. B. M. de Leiria com 500\$. Pecadora com 20\$. Raul com 100\$. Vitorino com outro tanto. F. F. com 20\$. Maria da Saudade com 50\$. Um crente com 500\$. Doador de sangue com 20\$ todos os meses. Anónima da Rua das Papoilas também com 50\$. Beatriz com o dobro. Assinante de Aveiro com 100\$. M. J. com 20\$. Faustino com 200\$ para plásticos. Pecadora assinante com 40\$. Adelaide de Lourenço Marques com 100\$. Mãe de 7 filhos com metade «para a paz no meu lar». Maria do Resgate com 500\$. Anónimo com outros 500\$. Assinante com 20\$ e outro com 50\$. Avó de Paço d'Arcos com igual quantia. C. B. P. com o dobro. Glória com a «acção de graças pelo regresso de viagem feliz». Beatriz de Coimbra com 100\$. Conchita manda do Estoril 50\$ «onde me encontro em gozo de férias». E chegada a Lisboa manda mais cem. Amiga do Porto 40\$. Mãe de Coimbra com 20\$. Pecadora com pequenas cotas. Mãe de Oeiras com 100\$. Conchita outra vez com 500\$. E mais Adelaide com 100\$. Maria Luiza com 500\$. Alzira com 50\$. Regina com 40\$. Maria com 100\$. Amiga de Palhaça com 250\$. Avó de Lisboa com 300\$. Alfredo do Porto com 500\$. M. Guiomar com 50\$. E alguém que pede orações.

E como os dias não param, o dar também não cessa.

Maria José vem com mil escudos «em acção de graças por mais um ano de trabalho». Quem sugere tais lembranças? Não sei. Sei que o justo vive e alimenta-se da Fé. E mais Fé e mais alimento. É o «produto de um dia de trabalho por intenção do curso de cristandade que neste momento se está realizando no Porto — Alguém de Coimbra». E mais alguém com um «de joelhos vão 100\$ para alívio de

um canceroso». E «com muito amor aos nossos irmãos do Calvário — 1.100\$00».

De Fátima 100\$. Do Barreiro, «migalha para confortar uma das muitas dores que aí há e em troca de uma alegria do meu lar». Da Granja 100\$. De Cerdeira do Coa, da Foz do Douro, de Chaves, de Vila Real, de Lisboa, muitas migalhas. «Comemorando o nascimento do meu filho já morto aí vão 100\$».

De Lisboa mais 500\$. De Matosinhos 50\$. De Massarelos outro tanto. E ainda o mesmo de Cantanhede. De Ermezinde 100\$. Dos E. U. A. dois dollars.

Da Guarda 500\$. De Oliveira de Azemeis 50\$. Do Luso rou-

pas. De Ulme 100\$. De Braga 40\$00.

Migalhas no Espelho da Moda. Um «tenho tido meu filho doente, pois aí vai uma ajuda para os seus». «Para meus irmãos do Calvário». «Em sufrágio da alma de minha mãe». «Para regeneração de pessoa muito querida». «Por alma de meus pais». «Produto das minhas economias». «Achando admirável o Calvário». Promessa de Celina — 200\$00.

No 6.º aniversário do falecimento do pai, o filho envia mil. Mais a terceira migalha. Para bolachas 20\$. De Valongo 20\$, mais 50\$ e mais 100\$. Da Madeira 500\$. Anónimo com outro tanto. José com 20\$. Aposentado com 70\$00.

E ficamos por aqui.

PADRE BAPTISTA

ANGOLA MAIS RICA

As cidades de Malanje e Benguela estão a estas horas mais ricas. A Obra da Rua mandou para lá os seus mensageiros. Estende-se assim a maior Obra que existe em Portugal. Deus há-de querer que a Sua palavra seja ouvida em toda a parte. Confiou à Obra da Rua a sublime e divina missão de a fazer ouvir e compreender através de 20 rapazes, um casal e dois padres que, na nossa querida Angola, nomeadamente em Malanje e Benguela, irão dar todo o seu esforço para que na realidade a nossa Obra seja portadora dos planos de Deus.

Nós estivemos presentes na partida. Chorámos de alegria, por sabermos que eles irão dar a conhecer em maior profundidade a nossa querida Obra. De tristeza, porque foram muitos os anos que convivemos com alguns dos que partiram e por isso nos deixam saudades. Bem fizemos e esforçámo-nos para que as lágrimas não brotassem, mas na hora H não as pudemos deter e elas rebentaram.

Muitos amigos estiveram presentes. Não podia deixar de ser. Vimos lá a Mãe Irene e Sr. Ferreira (se eles lá não estivessem, quem estaria?!), D. Rosa, D. Maria Canavarro, Primos dos Pais do Sepadre Carlos e mais família, os mestres das nossas oficinas, alguns dos nossos rapazes e três dos nossos padres. Chamou-nos particular atenção a presença de raparigas novas que se foram despedir do Fernando Dias e da Emília, o casal que vai servir a Obra numa das casas de Angola. Que extraordinária beleza encerra aquela atitude das raparigas! O mundo não dá conta disto. Inclusive alguns jornais chamaram àquele casal e aos nossos padres, funcionários, que acompanhavam dois grupos de internados que iam fundar duas casas em Angola. Mas «O Gaiato» chama-lhes continuadores e servidores por que os mercenários não guardam as suas ovelhas...

De todos os jornais que noticiaram o acontecimento, o «Diário de Lis-

boa» foi dos mais interessados. Eles vieram aqui ao Tojal fotografar e saber como era. Ficaram com pena porque já não puderam fotografar todos eles. Alguns já tinham ido para Lisboa tratar dos últimos retoques. Mas gostámos, sinceramente, da presença, no Tojal, da reportagem do «Diário de Lisboa». Dizemos mais. Parece-nos que podemos contar com eles para a nossa festa no Monumental. Se eles foram tão prontos e desejosos de saber coisas dos nossos africanos, esperamos que não esqueçam a Casa do Gaiato do Tojal. E muito obrigado pelo vosso interesse.

A Obra da Rua enriquece Angola. É necessário que Angola enriqueça a Obra da Rua. É uma pretensão justa. O essencial é que os homens compreendam e aceitem os planos que Deus traçou.

Esperamos que todos tenham chegado bem e até às vossas notícias se Deus quiser.

Cândido Pereira



VISTAS DE DENTRO

RENDER — Senhor Padre Telmo antes de partir fez-me a entrega «solene» do «Vistas de dentro». Todavia, eu nunca o farei esquecer, pois o feito dele para este cantinho não tinha precedentes. A esta hora, a caminho de África, daqui o saudamos em nome da comunidade de Paço de Sousa — a grande «vítima» dos seus artigos.

SAUDADE — Tivemos o nosso magusto aqui há dias. À noite e ao entrar pró Refeitório vejo o Piriquito com um braçado enorme de castanhas: Tens barriga para isso tudo? Responde logo: «Vou guardá-las pró Laranjinha para quando ele vier de África». A generosidade do Piriquito revela saudade, e esta atormenta-nos a todos — somos uma família muito unida e por consequin-

te o episódio do Piriquito tem a sua razão de ser.

CICLISMO — Também o temos cá em casa e noturno. A bicicleta que serve prós recados urgentes, uma noite saíu do seu apartamento por mão de três que estão na casa dos 18 anos. Lembraram-se de ir competir em horas que todos dormiam. O campo de futebol foi a pista; mas o diabo tece-as; e como não estava bem, resultado: uma visita ao barbeiro desfazer penteados à recruta.

ACONTECEU — Há dias quando terminou uma das

nossas reuniões de chefes, e a noite ia já adiantada, no regresso prós nossos leitos, ao passar na cozinha eis que dois se lembram de fazer aquilo que várias vezes têm ensaiado: zurrar de burro. Quem os ouvia ficava espantado com tanta «habilidade». E então na cozinha àquela hora da noite quando o silêncio era rei! Ia quase abaixo!... Pior foi ao outro dia. Sedona Sofia que olha pelos batatinhas, e lhes assiste durante a noite, chama-nos e diz: Eu estou cá há 15 anos, e em Paço de Sousa nunca cá vi nenhum burro; lá prós meus lados quase cada casa tem o seu, mas aqui nunca vi; até que a noite passada ouvi dois que zurravam a bom zurrar.

Pior é que a Senhora sabia de que «burros» se tratava.

Américo dos Santos



PELAS CASAS DO GAIATO

Lar do Porto

Mergulhados na hibernação, surgem os primeiros indícios de despertar, apenas o tempo traga consigo um arzinho de vida. Despertamos animados e retomamos a pujança restabelecida. É assim nós com o tempo; somos nós com a vida vivida. Somos delimitados — e bem que o somos.

Ora, este tempo, esta quadra do ano, é de vida. É quadra animadora; é festiva; é solene; é alegria — é alegria de vida intensa.

Vem aí o grande dia — o Natal. Palavra que pode perturbar, como perturbou; que move os frutos da ansia pra um acontecimento. E as

gentes vão em marcha, desarmadas; vão em mensagem de paz; aos cânticos de «Glória a Deus e paz aos homens».

E quando se percebe silêncio, só na realidade os olhos vêm e a Fé afirma: — um Deus pobre e menino.

E diante deste facto, desta realidade, temos a solução para a vida, temos o caminho, a Verdade, a Vida.

Tudo isto é um mandamento para os homens de boa vontade.

Ora, eu não podia deixar-vos outro personagem mais ilustre, autoritário, que nos garanta caminho certo e firme como o Pobre.

O Pobre só por si, com a sua ignorância e saber, consegue dar-nos solução de Vida tranquila e feliz. É uma questão de Fé, meus amigos.

A nossa Conferência vive animada

de confrades com bom espírito vicentino. O sacrifício aumenta a actividade; esboça e reforça a nossa vontade; aperfeiçoa-a; coloca-a franca no desempenho da doação pelos Pobres e, mesmo, em consequência, diante do mundo é franca, é sã.

Temos Pobres difíceis e muitas necessidades. Alguns deles com muitos filhos. Já é do vosso conhecimento a vida de alguns. Eu lembro-vos os nomes deles: a Maria Palmira; o Sr. Antero; o Sr. Bastos; a Srna. Irene Gonçalves.

Eles esperam por nós no Natal. Não sabemos que levar-lhes. Temos já alguma roupinha de agasalho, mas falta muita ainda.

Posso deixar-vos uma sugestão: lançardes nas nossas mãos o superfluo de vossa casa: roupas; lençóis e cobertores; brinquedos e algum dinheiro. Enviem as roupinhas

que vossos filhos não necessitem para a Conferência do Lar do Porto.

Nós queremos ir por eles no Natal — mas não de mãos vazias.

Para além da nossa presença e do calor amigo, cristão e vicentino, que levamos, os Pobres também esperam uma coisita com que possam aconchegar o estômago.

Não deixem que a nossa visita pelo Natal seja mais pobre, para não regressarmos envergonhados, tristes.

Temos recebido os donativos habituais do Sr. Vasconcelos de Lisboa, da Campanha «tenha o seu pobre» e outras migalhinhas que é costume.

Uma nossa amiga que vinha cada mês com um vale de 90\$00 onde estará? Esqueceu-se de nós? Que se pronuncie.

A todos as maiores benções de Deus.

Zé do Porto

Lar de Coimbra

Dias Felizes.

O dia de Todos os Santos, foi para nós além de dia Santo e Feriado Nacional, dia pleno de satisfação, pelas ocorrências que nos foram proporcionadas, pelo nosso Machado, mais pela sua filhinha, cujo aniversário o pai quis marcar convidando-nos para um «copo de água» em sua casa. Foi uma hora cheia de alegria, pela união de nós quatorze com os casados João e Humberto. Pratos cheios, mesa composta, copos a transbordar, boa disposição, alegria juvenil, discursos, graças a Deus, abraços de felicitações. Saudades do dia. Se quiser bis... bis...

Regressámos à base todos bem dispostos comentando alegremente o facto.

Uma nota fora do vulgar, tornou mais agradável aquele dia pois fomos acompanhados pela Sr. Maria da Luz que assim toma parte não só nos nossos trabalhos mas também nas nossas alegrias.

Joaquim

PAÇO DE SOUSA

CICERONES — Senhor P.e Manuel disse da falta de cuidado destes em receberem os Amigos que nos visitam. Que o primeiro contacto dos visitantes cá em casa, deve ser com os cicerones. Portanto têm que estar no seu devido lugar.

Ora isto nem sempre tem acontecido. É certo que todos os domingos está encarregado um grupo dessa missão. Mas nem sempre têm cumprido...

Sucede que vêm por aí fora senhores com desejo de nos verem e conhecerem, e não têm quem lhes mostre a nossa Aldeia!...

No passado domingo, assim aconteceu. Em frente do salão dos cicerones estavam muitos visitantes à espera de quem se dirigisse a eles. Mas como isso não aconteceu, viram o Senhor Padre Manuel, dirigiram-se a ele a pedir para verem a casa, e se havia alguém que a mostrasse.

Senhor P.e Manuel disse que sim. Que estava ali um grupinho de rapazes para esse fim.

Foi para chamar um e não encontrou ninguém!

Resultado: Senhor P.e Manuel em busca dos ditos, e os visitantes à espera, cheios de paciência...

«Já que o vosso dever de hoje não foi rigorosamente cumprido, ficam no próximo domingo de castigo», foi a sentença do Senhor P.e Manuel.

E eles ficam, e cumprem, senão...

LIVROS — Embora com custo, peço. Porque... Para nosso bem...

Pedir! Sim, Amigos leitores, eu peço e principalmente a essas Livrarias de grande categoria!

Precisamos de livros! Livros adoptados para o 1.º e 2.º ano de Liceu. Livros, velhos ou novos. Quem faz o favor de no-los oferecer?

TEATRO — Este ano, como nos mais, teremos no nosso salão de festas a habitual rubrica de teatro na noite de Natal.

Américo tem andado às voltas com a peça que há-de apresentar. Mas ao fim e ao cabo... Tudo se prepara para que a festa, deste ano, saia com a devida categoria!

REGRESSOU — Vindo da Guiné, chegou até nós o Serafim. Não houve festa. Foi tudo muito silencioso. E o Serafim cá está no meio da família são e salvo!

São assim os soldados de Portugal. São assim os Gaiatos! Bravo Serafim!

Por meio destas poucas palavras prestamos a nossa pequena homenagem ao Serafim.

COZINHA — Quem há que não goste de a visitar?!

Ainda há pouco fui testemunha duma queixa da Senhora ao maioral:

«Olha, Américo, não há direito que venham prático sujar o que outros com muito sacrifício e carinho procuram limpar!»

Se o comer está atrasado, ai Jesus que tudo quer e deseja fazer justiça. Se de quando em vez o comer nos não satisfaz, ai Jesus porque isto não sabe a nada!... Mas a verdade é que ninguém se oferece para cozinheiro!

UM REPARO — O nosso balneário, tem sido, ultimamente, muito frequentado... Dele nos servimos todos os fins de semana para o nosso banho. Que nesta altura, embora de água quente custa um pouco...

Acontece porém, que nem só pró banho tem servido. Tem servido, sim, de retrete!

Num dos últimos domingos assim aconteceu. Vão e... zás fazem as suas necessidades no balneário!...

Nós vemos e chamamos à atenção porque não está certo. Que não sabiam, foi a resposta!!

Mas então seria assim tão difícil distinguir uma retrete dum balneário com 24 cabines? Creio que não!...

A quem servir a carapuça que a enfie!

Fausto Teixeira

Eng.º Duarte Pacheco

Não é celebração duma data.

É por acção de graças a Deus que lembramos no Altar da nossa Capela o Amigo vivo no Céu.

De coração todo aberto aos problemas das nadas da sociedade, de visão profunda e larga de encontro à ideia de Pai Américo, ele foi posto por Deus para lhe abrir o caminho.

Assim, nesta hora que a Obra cresce no Portugal de a l é m - m a r, comprometida com o seu engrandecimento, encontre a seu lado Amigos do mesmo quilate.

Padre José Maria

Do que nós necessitamos

É IS a recepção do que recebemos e que, graças a Deus, chega para nós e para quem nos bate à porta.

Abre a coluna 100\$00 de Lisboa. Por intermédio de «O Comércio do Porto», 150\$00. Um par de patins de Lisboa, de quem não é católica, mas deseja encontrar o caminho de Deus. E 20\$00 do Porto, por duas vezes, de E. D. M.. Dum assinante de Eiro, 140\$00 para o jornal e por uma intenção particular. Um bilhete com 100\$00 e «Pede-se um Padre-nosso por alma de dois José. Avó e Neto». A vossa petição não foi esquecida. Pelos nossos benfeitores, erguemos as mãos ao Senhor quatro vezes ao dia.

Duas vezes 50\$00 «Por Alma d'Aquela que eu tanto amei para a Obra que Ela tanto amava». E 20\$00 «pedindo desculpa da modesta oferta dos livros usados que junto, oxalá ainda possam ser úteis aos gaiatos, a quem desejamos as maiores felicidades». Ó delicadeza! De Lisboa-Av. de Roma, 200\$ «pe-las melhores da minha esposa». Mais 100 de Coimbra. A presença da «Avó de Leiria», que muito gostosamente anotamos. 50\$ da ass. 11.447, por alma de pessoa amiga. De Odivelas, 20\$. Com vários destinos, recebemos de «Rapariga amiga da Obra», 1.500\$00. Contamos sempre com a sua amizade e bem haja.

De Coimbra e em cumprimento duma promessa, 700\$. Da mesma cidade, 10\$00 em solos. Mais o primeiro ordenado de uma educadora da infância, 1.800\$00. E de Carviçais, um par de botas novas, de «Um Zero». Creio que elas já foram com os nossos missionários para Angola. Assinante, de Rio Tinto, com 100\$. De anónimo, em homenagem a um ente querido, 100\$00. Espinho com 73\$00. Um rapaz de 15 anos, envia 20\$00 do seu primeiro salário. Dum grupo de caçadores do Monte dos Burgos, 20\$00. Igual quantia de Viana do Castelo. De «Uma mãe de 7 filhos de Lisboa», 50\$00. E a amizade da Ideal Rádio, expressa por várias formas.

De Carmona, mui nobre e leal cidade mártir, 800\$00 da nossa muito estimada ass. 25.016. E que Deus não falte nunca a estes Seus filhos. Vila

Real com 20\$00. Do Porto, 45\$00, 100\$00 e 50\$00. Dos empregados da Empresa Electro-Cerâmica, secção de metais, Candal-Gaia, 1.000\$00. De um amigo de muitas vezes, 100\$00.

Duas presenças amigas do senhor Manuel da Rua da Corticeira. O Pessoal da Mobil, não falta nunca. Nós é que faltamos a acusar recepção! «A Sintrense do costume», envia 800\$00, produto de um aumento de ordenado. E José Marques do Rêgo, cliente da nossa tipografia, que aparece com cintos, pastas, suspensórios, etc. etc. Fizem um jeitão!

De um anónimo de Aveiro, 20\$00. Lourenço Marques com 5 contos. Do Brasil, 100\$00. Lisboa com 75\$00, 500\$00, 100\$00, 50\$00 e mais 50\$00. De «Alma Agradecida», 500\$. Da Póvoa de Varzim, 50\$00.

Roupas do Cadaval. Mais da Areosa-Porto. Muitas graças obtidas e promessas cumpridas. Assinante 25209 com 40\$. De Braga, 10\$00 em selos. Por duas vezes, a presença da Avó de Moseavide. De uma amargurada pelo dia 22, 50\$00. António com o habitual donativo, por Setembro e Outubro. Mais 890\$00, saldo da Comissão de Festas ao S. João da Ribeira, na freguesia de São Nicolau-Porto.

E aqui vão os donativos silenciosos. São 20\$00 todos os meses da Rua da Madalena; de Soure; 50\$ de Costa Nova do Prado e 60\$00 de Gaia. De Ermezinde, 100\$00. «Pelo 7.º aniversário do meu filho», 50\$00. De Santarém, mais um aumento de ordenado que nos trouxe 250\$00. A nossa amiguinha de Perrães, cá está com 100\$00. Muitos pacotes de roupas e donativos de «Convívio», Associação Cultural e Recreativa de Guimarães, e nos visitou.

Mais a assinante 19552, com roupas. Mais Lisboa-2, com calçado, um fato e camisolas. De Moçambique roupas de bebé. Gravatas de Visen. Vestuário de Rio Tinto. E um mundo de pacotes e embrulhos entregues no Espelho da Moda. 30\$00 de Espinho. 500\$00 de Angola. E mais roupas de «Uma Amiga». Idem de Torres Novas. Também da ass. 8871. E o Luso com mais roupas. E «Uma mãe enfermeira», idem, com delas tiro-nes.

E anoto, agora, a presença de alguns dos amigos que temos na América do Norte. Angelina Cardoso com 5 dólares, Ana Alves com 3, Rosa Andrade com 3 e Ema Rocha com 2,50. Todos pela mão de quem muito nos ama, a Senhora D. Ana Ramos, de Newark.

MANUEL PINTO

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes